

Entrevista

Religião, Política e Patronagem: A Antropologia de Sidney M. Greenfield

Entrevista concedida a Marcia Contins* e

José Reginaldo S. Gonçalves**

Apresentação

Ao longo dos últimos quarenta anos, acontece regularmente na Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, Estados Unidos, uma série de encontros, nos quais são apresentados e discutidos estudos e pesquisas em andamento sobre o Brasil: trata-se do *Brazil Seminars*. Criados no ano de 1976, eles reúnem pesquisadores norte-americanos e brasileiros cujas pesquisas focalizam algum tema de natureza social, cultural, política ou de economia relativo ao Brasil.

Foi no contexto desses seminários que tivemos a oportunidade de registrar esta conversa com o antropólogo norte-americano Sidney M. Greenfield, um de seus coordenadores. Sidney Greenfield é Professor Emérito da Universidade de Wisconsin, Milwaukee, e desde a década de 1990 vem participando do *Brazil Seminars*, seja como coordenador, seja como pesquisador em um campo de estudos para o qual ele mesmo vem contribuindo significativamente desde os anos de 1950.

O *Brazil Seminars* faz parte de uma série extensa de seminários temáticos organizados por aquela Universidade e conhecida como *Columbia Seminars*.

* Marcia Contins é Mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutora em Comunicação e Cultura pela mesma universidade; professora Associada do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); e ProCientista do Nosso Estado da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: marciacontins@gmail.com.

** José Reginaldo dos Santos Gonçalves é PhD pela University of Virginia – Estados Unidos da América; professor Titular do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ; e pesquisador nível A do CNPq.

Essa série teve início no ano de 1944, mas foi concebida, ainda na década de 1930, pelo Professor Frank Tannenbaum (1893-1969) e por Nicholas Murray Butler (1862-1947), então presidente da Universidade da Columbia entre 1902 e 1945. O *Brazil Seminars* reúne, desde 1976, diversos pesquisadores em antropologia, sociologia, história e economia e tem o Brasil como seu principal campo de estudos.

A ideia de Tannenbaum era organizar um grupo de professores e especialistas em diversas áreas de estudo, garantindo-lhes maior liberdade de discussão fora dos departamentos acadêmicos tradicionais. A proposta era que os seminários não fossem abertos para o grande público, principalmente para jornais e *media* em geral. Os três primeiros seminários abordavam temas diversos como paz, religião e o Renascimento. Quando Tannenbaum faleceu, em 1969, já existiam 50 seminários temáticos. Ele e sua mulher deixaram, como parte de seu testamento, o valor de um milhão e meio de dólares para serem investidos para os *Columbia Seminars*. A proposta de Tannenbaum era garantir a espontaneidade dos seminários, de tal modo que pudessem funcionar sem regras muito definidas. Desta forma, o Presidente da Universidade não teria como incumbência designar quem seriam os coordenadores dos seminários; eles deveriam ser selecionados por um comitê. Durante algumas décadas, o número de seminários cresceu enormemente, tendo alcançado 90 seminários sobre diversos temas¹.

Esta entrevista com Sidney Greenfield deverá ser a primeira de uma série de outras que irão compor um dossiê intitulado “O olhar estrangeiro dos pesquisadores norte-americanos sobre o Brasil”. Trata-se de um conjunto de depoimentos de uma geração de antropólogos norte-americanos que estudaram o Brasil entre as décadas de 1950 e 1970. Atualmente, todos integram a equipe permanente do *Brazil Seminars*.

Além da entrevista com Sidney Greenfield, já foram realizadas, até este momento, outras três. Uma delas, com Diana Brown, uma das coordenadoras juntamente com Sidney Greenfield no *Brazil Seminars*. Diana desempenhou um papel bem importante na antropologia por meio de seus estudos sobre religião afro-brasileira e política nas décadas de 1960 e 1970. Atualmente, ela pesquisa a noção de “envelhecimento” em Florianópolis, Santa Catarina. Maxine Margolis é outra de nossas entrevistadas. Ela realizou trabalho de

¹ Para a história da Columbia Seminars, ver file: http://HistoryofTheSeminars_TheUniversitySeminars.html.

campo em Minas Gerais e na Bahia e, mais recentemente, vem pesquisando a emigração brasileira nos Estados Unidos. Além dessas duas pesquisadoras, entrevistamos Eleonor Greenfield, esposa de Sidney, que foi aluna de Margareth Mead (1901-1978) na Universidade de Columbia e realizou pesquisas sobre religião no Brasil em colaboração com seu marido.

O material contido nessas entrevistas oferece-nos ideias e informações importantes para refletirmos sobre a sociedade brasileira e, mais precisamente, sobre determinado olhar estrangeiro sobre o país num determinado momento de sua história social e política. Esses antropólogos fizeram trabalho de campo em diversos pontos do Brasil, focalizando diferentes temas: religião, política, migrações, economia e relações raciais. Estamos diante de narrativas e reflexões sobre suas experiências de vida como seres humanos e como pesquisadores no Brasil das décadas de 50, 60 e 70, um período de intensas transformações na sociedade brasileira.

Essas experiências humanas e profissionais foram moldadas intelectualmente pelas relações que esses pesquisadores mantiveram direta ou indiretamente com uma geração de antropólogos, que incluía autores como Charles Wagley (1913-1991), Ruth Landes (1908-1991), Marvin Harris (1927-2001), entre outros. Em sua maioria, integraram os quadros de professores da Universidade de Columbia e desempenharam um papel fundador em uma determinada tradição de estudos sobre o Brasil. Os entrevistados compõem uma geração que sucede a desses fundadores. Foram seus alunos nessa Universidade nos anos 50 e 60. As entrevistas desenvolvem uma reflexão sobre a biografia intelectual desses pesquisadores através de seus respectivos depoimentos sobre seus projetos e pesquisas realizados sobre o Brasil. Os depoimentos cobrem os anos de 1950, 1960 até 1970, situando-se nos períodos imediatamente anterior e posterior à implantação da ditadura militar no Brasil em abril de 1964.

Muitos dos entrevistados continuam atualmente realizando pesquisas sobre vários temas em diversas regiões brasileiras. Formados em sua maioria como antropólogos na Universidade de Columbia, têm como referência principal Charles Wagley (1913-1991), conhecido como o mais antigo dos chamados “brasilianistas”².

² Para uma reflexão esclarecedora sobre os usos dessa categoria, consultar o artigo de Fernanda Peixoto: “Brazilianismos, brasilianistas e discursos brasileiros”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, no. 5, 1990; p. 29-44.

A proposta do dossiê é oferecer uma contribuição para a história da antropologia, particularmente para a história das relações entre antropólogos norte-americanos e o Brasil. Atualmente, uma nova geração de pesquisadores interessados em estudar o Brasil participa desses encontros, com novos projetos e interesses diversos da geração de nossos entrevistados, entre os quais podemos destacar os trabalhos de John Collins (Professor da The City University of New York – (CUNY), em Nova York) e de Vania Penha-Lopes, brasileira radicada nos Estados Unidos (Professora Titular do Bloomfield College, Nova Jersey). Ambos participam, mais recentemente, do *Brazil Seminars* como coordenadores ao lado de Sidney Greenfield e Diana Brown.

Os estudos de Sidney Greenfield sobre o Brasil destacam-se pelas pesquisas e análises que desenvolveu sobre contextos tradicionais e a importância das representações e práticas da “patronagem”. A relevância dessa categoria para o entendimento do vida social e política brasileira foi explorada analiticamente pela obra do antropólogo Roberto DaMatta e suas interpretações sobre hierarquia e igualitarismo no Brasil, onde os trabalhos de Greenfield aparecem como uma das referências relevantes³. Os primeiros estudos de Greenfield no Brasil foram realizados na cidade de Viçosa, Minas Gerais, ainda no final dos anos 1950, no contexto rural, sobre projetos de desenvolvimento agrário. Até então, Sidney não conhecia o Brasil, tendo sido incorporado, ainda como estudante, em um programa de bolsas da Universidade Purdue, nos Estados Unidos, para participar daqueles projetos.

Bem antes dessa sua primeira viagem ao Brasil, Sidney havia se interessado por estudos brasileiros no Departamento de Antropologia da Columbia. Tendo concluído a graduação em Contabilidade, pensava em fazer Economia na Pós-Graduação, quando veio a se interessar por Sociologia e

³ Modalidade de relação política e moral extremamente presente no mundo rural, a patronagem foi objeto de vários estudos antropológicos em diversas regiões, especialmente na Europa Mediterrânea (Grécia, Espanha, Portugal e Itália) e na América Latina. O sistema de patronagem tem um caráter hierárquico e assimétrico de relações sociais existentes entre patrão e um cliente, no qual o primeiro, que detém o poder político e moral local, oferece proteção ao segundo em troca de relativa submissão a ele. Esse sistema faz parte de um tipo de sociedade considerada pouco moderna, em que as pessoas usufruem apenas parcialmente da igualdade de direitos jurídicos e em que a noção de cidadania não está presente plenamente. Para esta discussão ver o verbete *Patronage* de E. Gellner em *Dictionnaires de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Paris, Presses Univ. de France. 1991. Roberto Da Matta cita o artigo “Charwoman, Cesspools, and Road Building: An examination of Patronage, Clientage, and Political Power in Southeastern Minas Gerais”, 1972) de Sidney Greenfield em seu livro (*Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*) para sua discussão sobre o sistema de patronagem no Brasil.

Antropologia. Seu interesse foi despertado por Charles Wagley (1913-1991), que desempenhou papel significativo no início de sua carreira, quando fez trabalho de campo no Caribe e, em seguida, no Brasil. Wagley foi um autor importante para a antropologia brasileira, tendo sido influenciado pelo chamado “particularismo histórico” de Franz Boas (1858-1942), também da Universidade de Columbia e pioneiro nos estudos de Antropologia Cultural. Wagley fez trabalho de campo na Guatemala, na região do Caribe e depois no Brasil, onde esteve na Amazônia e entre os Tapirapé. De volta à Columbia, ele se torna diretor do Instituto da America Latina dessa universidade. Em seguida, torna-se professor emérito da Universidade da Flórida.

Os primeiros estudos de Sidney Greenfield desenvolvidos sobre processos de modernização e o sistema de patronagem no Brasil repercutem no seu entendimento das relações entre religião e política no Brasil contemporâneo. Segundo ele, a partir da democratização brasileira em 1985, o velho sistema de patronagem foi reorganizado pelos grupos oligárquicos, e esse sistema continua ainda presente no mundo político urbano brasileiro, notadamente no chamado “populismo”. Serão essas primeiras pesquisas que vão gerar sua preocupação com as relações entre patronagem e política no Brasil. Ainda na década de 1960, Sidney Greenfield entra em contato com pesquisadores brasileiros, no Museu Nacional. Nas décadas seguintes, será pesquisador visitante, com bolsa da Fulbright Foundation, na Universidade Federal do Ceará.

A partir desses contatos no Brasil, ele vai se interessar cada vez mais pelos estudos da antropologia da religião, primeiramente pesquisando o Espiritismo no Brasil e as experiências religiosas de cura realizadas por “médiums espíritos”⁴. No entanto, suas pesquisas no Brasil continuam relacionadas ao tema da patronagem na política e na religião. Em seus

⁴ Ver alguns de seus trabalhos publicados sobre espiritismo: Sidney M. Greenfield, *Espiritismo Como Sistema de Cura*. In: *Sistemas de Cura: As Alternativas do Povo* (R. Parry Scott. Org., Mestrado em Antropologia, Recife. Brasil, 1986), pp. 89-101. Sidney M. Greenfield. *The Return of Dr. Fritz: Spiritist Healing and Patronage Networks in Urban, Industrial Brazil*. *Social Science and Medicine* 24,12 (1987), pp. 1095-1108. Sidney M. Greenfield. *The Best of Two Worlds: Spiritist Healing in Brazil*, In *Perception de la Maladie dans les Sociétés Modernes et Traditionnelles* (Anne Rete! Laurentin, Coordinatrice, L'Harmanan, Paris, 1987), pp. 277-288. Sidney M. Greenfield, *Hypnosis and Trance Induction in the Surgeries of Brazilian Spirit Healer-Mediums*, *The Anthropology of Consciousness* 23-4 (1991), pp. 20-25. Sidney M. Greenfield, *Spirits, Medicine, and Charity A Brazilian Woman's Cancer*. A Video Documentary Produced at the Media Resource Department of the University of Wisconsin-Milwaukee ([1995]). 39.36 Min. Sidney M. Greenfield. *Cirurgias do além*. Petrópolis: Vozes, 1999.

projetos mais recentes sobre religião, já na década de 2000, o tema da política aparece, por exemplo, na sua pesquisa sobre a “bancada evangélica” em Brasília.

Neste depoimento, destaca-se a maneira cuidadosa com que Sidney relata suas experiências pessoais, os lugares onde morou enquanto pesquisador, as pessoas que conheceu e com as quais se relaciona até hoje no Brasil e, principalmente, os relatos dos intelectuais que veio a conhecer durante sua vida acadêmica e que o influenciaram. Destaque para Karl Polany (1886-1964), importante autor na área de Antropologia Econômica, e que ele conheceu na Columbia University, tendo marcado significativamente seu trabalho enquanto antropólogo.

Recebido em
setembro de 2016

Aprovado em
dezembro de 201